

**O ATO DE FALA DO PEDIDO EM PORTUGUÊS
BRASILEIRO E ITALIANO:
UM ESTUDO SOBRE A AVALIAÇÃO DO
CONTEXTO POR PARTE DOS FALANTES**

**L'atto linguistico della richiesta in portoghese
brasiliano e italiano: uno studio sulla valutazione
del contesto da parte dei parlanti**

**The Speech Act of Requesting in Brazilian
Portuguese And Italian: A Study on the
Context Assessment by the Speakers**

ANNA BEATRIZ GERONIMI BENINE*
ELISABETTA SANTORO**

RESUMO: Inserido na perspectiva da Pragmática Cross-cultural, este artigo investiga o ato de fala do pedido, colocando em primeiro plano a avaliação do contexto, por parte de falantes de português brasileiro e italiano, com base nos seguintes parâmetros: a distância social, o direito de realizar o pedido, sua dificuldade e a probabilidade imaginada pelo falante de que o ouvinte aceitaria realizar o que é solicitado. Para esse fim, ao *Written Discourse Completion Task*, elaborado pelo Grupo de Pesquisa “Pragmática (inter)linguística, intercultural e cross-cultural” com oito situações comunicativas, que variam com base em grau de imposição e distância social (BROWN e LEVINSON, 1987), foram adicionadas quatro perguntas referentes à percepção dos parâmetros contextuais de cada uma dessas situações. As respostas de 40 brasileiros e 40 italianos, fornecidas por meio

*Bacharela em Letras – Universidade de São Paulo (USP)
titi.benine@usp.br – (ORCID: 0000-0002-4391-7543)

**Docente – Universidade de São Paulo (USP)
esantoro@usp.br – (ORCID: 0000-0001-7577-368X)



de uma escala *Likert* com pontuação de 1 a 5, foram submetidas a uma análise estatística, a fim de verificar possíveis convergências e divergências entre os dois grupos. Os resultados apontam que a percepção de italianos e brasileiros converge em situações comunicativas em que é menos ameaçada a face e diverge quando no mínimo uma das variáveis independentes é alta, o que revela diferenças na tendência à indiretividade dentro das duas culturas. O estudo demonstra, portanto, a relevância de levar em conta as distintas percepções das mesmas situações comunicativas e fornece *insights* para aprofundar o entendimento da relação entre língua e cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Pragmática Cross-cultural; Pedidos; Percepção; Italiano; Português Brasileiro.

ABSTRACT: Inserito nella prospettiva della pragmatica cross-culturale, questo articolo esamina l'atto linguistico della richiesta, mettendo in primo piano la valutazione del contesto da parte di parlanti brasiliani e italiani, sulla base dei seguenti parametri: distanza sociale, il diritto di realizzare la richiesta, la sua difficoltà e la probabilità immaginata dal parlante che l'interlocutore accetterebbe di fare ciò che gli si chiede. A tal fine, al *Written Discourse Completion Task* (DCT scritto), sviluppato dal Gruppo di ricerca "*Pragmática (inter)linguística, intercultural e cross-cultural*", con otto situazioni comunicative, che variano in base al grado di imposizione e alla distanza sociale (BROWN e LEVINSON, 1987), sono state aggiunte quattro domande relative alla percezione dei parametri contestuali di ciascuna di queste situazioni. Le risposte di 40 brasiliani e 40 italiani, fornite tramite una scala *Likert* con punteggio da 1 a 5, sono state sottoposte a trattamento statistico per verificare fino a che punto esistono convergenze e divergenze tra i due gruppi. I risultati mostrano che la percezione di italiani e brasiliani converge in situazioni comunicative in cui meno minacciata la faccia e tende a divergere quando almeno una delle variabili indipendenti è alta, il che rivela differenze nella tendenza all'indirettezza all'interno delle due culture. Lo studio dimostra quindi l'importanza di tenere conto delle diverse percezioni delle stesse situazioni comunicative e fornisce *insight* per approfondire la comprensione del rapporto tra lingua e cultura.

PAROLE CHIAVE: Pragmatica cross-culturale; Richieste; Percezione; Italiano; Portoghese Brasileiro.

ABSTRACT: In the perspective of Cross-cultural Pragmatics, this article investigates the speech act of requesting, foregrounding the assessment of the

context by native speakers of Brazilian Portuguese and Italian, based on the following parameters: the relative social distance between the interlocutors, the speaker's evaluation of his right in issuing the request, its difficulty, and the estimated likelihood of compliance of the hearer. To this purpose, to the Written Discourse Completion Task, created by the Research Group "*Pragmática (inter)linguística, intercultural e cross-cultural*", with eight communicative situations, which vary based on rank of imposition and social distance (BROWN; LEVINSON, 1987), four questions were added regarding the perception of the contextual parameters of each of these situations. The answers of 40 Brazilians and 40 Italians, provided through a Likert scale with a score from 1 to 5, were submitted to a statistical analysis in order to verify possible convergences and divergences between the two groups. The results indicate that the perception of Italians and Brazilians converges in communicative situations in which less is demanded of the face and diverges when at least one of the independent variables is high, which reveals aspects about the tendency towards indirectness within the two cultures. The study, therefore, demonstrates the relevance of taking into account the different perceptions of the same communicative situations and provides insights to deepen the understanding of the relationship between language and culture.

KEYWORDS: Cross-cultural pragmatics; Requests; Perception; Italian; Brazilian Portuguese.

1. Introdução

Língua e cultura são categorias estreitamente ligadas, o que torna possível afirmar que estudar línguas é porta de entrada para o estudo de culturas. Parafraseando Corbett (2018), podemos dizer que as culturas são construídas discursivamente e estão o tempo todo passando por processos de transformação. Por esse motivo, qualquer estudo do discurso necessariamente começa com uma definição de cultura, e aqui não poderia ser diferente. Partiremos então da proposta de Hofstede (2005), e consideraremos que cultura é a programação mental coletiva, por meio da qual se diferenciam os membros de um grupo ou categorias de pessoas.

Uma das disciplinas que se dedica a refletir sobre as relações entre aspectos linguísticos e culturais é a Pragmática, uma vez que observa a língua em seu contexto de uso e considera o ponto de vista do falante, o momento em que ocorre a comunicação e seus efeitos. Nessa perspectiva, é imprescindível a adequação às normas pragmático-culturais para que atos de fala e comunicação tenham êxito, pois saber usar uma língua significa conduzir “*procedure di azione riconosciute, riconoscibili, e condivise da un dato gruppo sociale*”, como elucida Caffi (2009, p. 19). A autora continua afirmando que:

[...] esiste il fatto che due individui in una data situazione, sulla base di un sapere complesso condiviso, costruiscono negoziamente un senso da dare al loro agire comunicativo, negoziando in varie fasi, attraverso vari strumenti, che sono soprattutto strumenti linguistici, il loro agire. (2009, p. 24)

Em outras palavras, “*saper usare una lingua vuol dire saper stare al mondo*” (CAFFI, 2009, p.19) e a variabilidade situacional e cultural exerce um efeito no discurso e nas estratégias interacionais de comunicação, permitindo identificar determinados padrões linguísticos. Para investigar de que forma essas estruturas estão correlacionadas a uma consciência (meta)pragmática mais ampla, além de possíveis analogias e diferenças existentes entre italianos e brasileiros, foi conduzida uma pesquisa exploratória sobre o ato de fala do pedido, que se concentra, sobretudo, na avaliação de parâmetros contextuais.

2. Objetivos

São dedicados ao ato de fala do pedido os projetos conduzidos pelo Grupo de Pesquisa “Pragmática (inter)linguística, intercultural e cross-cultural” (doravante GPP), cadastrado no diretório de grupos do CNPq. O grupo, criado em 2013 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), reúne pesquisadores de

diferentes instituições brasileiras e estrangeiras. Os estudos realizados priorizam a perspectiva da Pragmática cross-cultural, isto é, comparam falantes de duas ou mais línguas, com o objetivo de identificar, por meio de dados empíricos, analogias e diferenças, que possam embasar reflexões mais amplas sobre as respectivas culturas. Com esse fim, foi desenvolvido um questionário, que inclui um *Written Discourse Completion Task* (DCT escrito ou WDCT) e um *Multiple Choice Discourse Completion Task* (MCDCT), distribuído eletronicamente pelo *Google Forms*. Para cada um dos dois instrumentos de coleta de dados, há oito situações comunicativas, nas quais foram manipuladas as variáveis distância social e grau de imposição (BROWN e LEVINSON, 1987). Até agora, foram coletados dados, sobretudo, em português brasileiro, italiano e espanhol argentino, mas também em alemão e francês. Na etapa do projeto atualmente em preparação, serão adicionados português europeu, espanhol chileno e peninsular, inglês estadunidense e mandarim¹.

Italiano e português brasileiro estão entre as línguas até agora mais estudadas pelo grupo e, a partir dos dados eliciados, foi possível observar e comparar o que os informantes imaginam que diriam a partir das oito situações comunicativas propostas. Agora, com o objetivo específico de verificar se as mesmas situações são percebidas e avaliadas da mesma forma pelos dois grupos, foi distribuído um questionário que une o modelo elaborado pelo GPP a questões sobre a percepção, nas quais, como dissemos, se coloca em primeiro plano a avaliação, por parte dos informantes, de parâmetros contextuais. Para nortear a investigação desses fenômenos, foram definidas as seguintes perguntas de pesquisa:

- I. Em que medida existem convergências e divergências entre italianos e brasileiros na avaliação dos parâmetros contextuais relativos a diferentes situações comunicativas?
- II. De que forma os dois grupos comentam e definem sua percepção das situações propostas, em especial, quanto à (não)realização do ato de fala pressuposto?

3. Pressupostos teóricos: língua, cultura e percepção das variáveis contextuais

O ato de fala do pedido, no qual este estudo se focaliza, é um *Face Threatening Act* (FTA) ou “ato ameaçador da face”, na terminologia adotada por Brown e Levinson (1987). A face,

1 Mais detalhes sobre o grupo de pesquisa e sua perspectiva teórica e metodológica estão no livro "Estudos em Pragmática: atos de fala em português, italiano, espanhol e inglês", publicado em 2021 e organizado por E. Santoro, L.A. Silva e M.Z. Kulikowski.

um conceito chave goffmaniano, “è l’immagine pubblica che ciascuno di noi vuole sostenere” (CAFFI, 2009, p. 118) e, nas palavras do próprio Goffman, “pode ser definido como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si pela orientação que os outros assumem que ela tenha seguido durante um contato específico”² (1955, p. 213). O falante pode, assim, optar, por exemplo, por fugir da forma explícita na realização de um ato de fala, com o intuito de evitar ou mitigar ameaças (“salvar a face”) ou pode adotar outras estratégias que possuem essa mesma finalidade.

O tipo e a quantidade de estratégias utilizadas podem mudar dependendo das variáveis contextuais, que Brown e Levinson denominaram grau de imposição (GI), distância social (DS) e poder relativo (P). A primeira diz respeito à “dificuldade” do pedido, isto é, à relação de custo-benefício; a segunda é relativa ao nível de familiaridade entre os interlocutores; e a terceira prevê diferenças hierárquicas como, por exemplo, na relação entre chefe e funcionário, mãe e filho ou filha etc. Decidimos neste estudo não utilizar esta última, pois criar situações com essa característica pressuporia uma “mudança de papel” por parte dos participantes, que, para poder garantir maior proximidade entre as situações propostas e a vida real, preferimos evitar.

Mais uma variável que pode ter impacto na realização linguística do pedido é o *setting*, isto é, o lugar no qual o ato de fala é realizado (NICKELS, 2006), que possui diferentes graus de “coerção”: de fato, enquanto um espaço público (por exemplo, a rua) garante maior liberdade ao interlocutor na produção de pedidos, um espaço privado (como a casa de alguém) o obriga a tomar atitudes que têm consequências imediatas em sua relação com o falante.

Por ser um FTA, o ato de fala do pedido é muito rico em repertórios linguísticos e significados sociais ligados ao seu uso (BLUM-KULKA et al., 1989). Além disso, sendo sensível às diferenças culturais, oferece a oportunidade de refletir não apenas sobre uma determinada língua e cultura, mas também de comparar duas ou mais, pois, identificando convergências e divergências na comunicação, pode ser aprofundado o entendimento sobre determinados fenômenos linguísticos.

De fato, considerando que a linguagem é uma atividade cognitiva “portadora de referências culturais, de modo que, ao comparar as realizações dos atos de fala, estamos também buscando entender os padrões que regem essas escolhas” (SANTORO e PORCELLATO, 2020, p. 51), ensinamos investigar os modelos em que se baseia o comportamento, o discurso e o pensamento humano, a fim de identificar indícios de peculiaridades nas interações verbais do cotidiano e no modo como se configuram.

Nesse sentido, Hofstede (2001) defende a ideia de que as pessoas possuem uma “programação mental”, que contém traços universais, coletivos e individuais. O estudo, realizado a partir de

2 [The term *face*] may be defined as the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact. (Exceto onde indicado, todas as traduções deste artigo são de nossa autoria).

amostras coletadas em 50 países, sugere que os valores culturais variam nas seguintes dimensões culturais: coletivismo *versus* individualismo, fuga da incerteza, grau de distância do poder, os papéis convencionalmente associados a homens e mulheres, e a orientação para o curto ou longo prazo.

Apesar das críticas ao trabalho de Hofstede, julgamos legítimo o seu modelo para abordar e compreender a maneira complexa com que interagem as línguas e culturas. As críticas partem de vertentes dos estudos interculturais que o acusam de ser “essencialista” por utilizar um modelo bilateral, que, na opinião de alguns estudiosos, homogeneiza as culturas dos países (JONES, 2007, p.5).

Parte de pressupostos da mesma natureza do estudo de Hofstede também a pesquisa elaborada no âmbito do projeto *Cross-Cultural Speech Act Realization Project (CCSARP)* (BLUM-KULKA et al., 1989), que se tornou referência na área, inclusive, por ser o primeiro a conduzir uma análise dos atos de fala do pedido e do pedido de desculpas em sete línguas e variedades diferentes. Entre seus principais méritos, está exatamente isso: o projeto possibilitou que línguas e culturas menos estudadas fossem contempladas, promovendo, assim, comparações entre “sistemas de uso de linguagem coexistentes” [*“co-existent language usage systems”*] (VERSCHUEREN, 2016, p. 3).

4. A metodologia de coleta e análise dos dados

Para a fase de coleta de dados, foi criado um questionário, dividido em oito seções, sendo que cada uma delas contempla uma diferente situação comunicativa. Em cada seção, foi solicitado que o informante executasse duas tarefas: (a) escrever o que diria, caso se encontrasse naquela determinada situação; (b) avaliar a mesma situação por meio de quatro perguntas fechadas. A seguir, as escolhas metodológicas, relativas tanto à etapa da coleta dos dados quanto à análise, serão descritas de forma detalhada.

4.1. O *Written Discourse Completion Task* (WDCT ou DCT escrito)

Como dissemos, o Grupo de pesquisa “Pragmática (inter)linguística, intercultural e cross-cultural” selecionou como instrumento de coleta de dados o DCT escrito (WDCT), considerado um bom instrumento para descobrir quais fórmulas são usadas (ou esperadas) com maior frequência, e quais são as tendências gerais e as preferências pragmalinguísticas dos falantes na realização de um ato de fala (cf., entre outros, BEEBE e CUMMINGS, 1996). Ademais, é para muitos o método mais apropriado para coletar grandes quantidades de dados em um curto período de tempo, uma vez que, além de reunir um amplo conjunto de fenômenos linguísticos, permite, paralelamente, controlar as variáveis sociais envolvidas (ECONOMIDOU-KATSIDIS, 2013).

Nas oito situações comunicativas dos questionários, como já dissemos, foram manipuladas duas das três variáveis independentes propostas por Brown e Levinson (1987): grau de imposição (GI) e distância social (DS). Com as duas variáveis independentes escolhidas, pode haver quatro configurações diferentes que alternam GI alto (↑) e baixo (↓) e DS alta (↑) e baixa (↓). Assim, para cada uma das combinações de variáveis independentes, temos duas situações, sendo uma em um espaço público e outra em um espaço privado, conforme se vê no quadro (Quadro 1).

Quadro 1 - As situações comunicativas do estudo (português brasileiro)

VARIÁVEIS	SITUAÇÕES COMUNICATIVAS	
DS↓ GI↓	1. Você e um(a) amigo(a) entram em um ônibus e, nesse momento, você percebe que esqueceu a carteira e não tem como pagar a passagem. O que você lhe diz?	5. Você acabou de entrar na casa de um(a) amigo(a) e está com sede. O que você lhe diz?
DS↓ GI↑	2. Você tem urgência para chegar ao aeroporto. Na fila do ponto de táxi, há uma pessoa da sua idade na frente. O que você lhe diz?	6. Você acabou de entrar na casa de um(a) amigo(a) e está completamente encharcado(a) porque do lado de fora chove torrencialmente, por isso, precisa tomar um banho ou ao menos trocar as roupas molhadas... O que você lhe diz?
DS↑ GI↓	3. Você está andando na rua e precisa anotar o número de telefone de um anúncio que viu. Percebe, porém, que não tem caneta e o seu celular está sem bateria. Um senhor está passando... O que você lhe diz?	7. Você acompanha um amigo a um jantar na casa de alguns colegas, que até aquela ocasião você não conhecia. Ao iniciar a refeição, percebe que no lugar onde sentou falta o garfo. O que você diz aos donos da casa?
DS↑ GI↑	4. Você está na rua indo encontrar um amigo estrangeiro, que está chegando de viagem. Por causa de um imprevisto, vai se atrasar e precisa avisá-lo. Seu celular, por algum motivo, não funciona. Também não há telefones ao redor. Assim, sua única opção é que o senhor que está passando lhe empreste um celular... O que você lhe diz?	8. Você mudou recentemente para um novo apartamento. Durante as duas primeiras semanas, percebe que a senhora do andar de cima faz barulho excessivo, mesmo fora do horário permitido. Decide conversar com ela para resolver o problema. O que você lhe diz?

No trabalho realizado até o presente momento, o GPP se concentrou na análise dos pedidos coletados por meio dos DCTs, partindo de categorias como a (in)diretividade, isto é, o quanto a força ilocucionária é expressa por meio de estratégias e recursos linguísticos que exigem um maior grau de inferência por parte do interlocutor; a perspectiva utilizada pelo falante para se dirigir ao outro; a observação de como foram dispostos modificadores e atos de suporte, que aparecem próximos ao ato principal com o intuito de atenuá-lo ou intensificá-lo. Às perguntas específicas, incluídas neste trabalho para verificar como italianos e brasileiros avaliam o contexto de cada situação, será dedicado o próximo parágrafo.

4.2. O questionário de percepção: a avaliação dos parâmetros contextuais

Para definir se GI e DS, considerados na análise dos DCTs, são “altos” ou “baixos”, parte-se, em geral, da avaliação e da percepção dos pesquisadores. No entanto, em especial no caso de estudos cross-culturais, podem ter um peso as diferenças culturais e o fato de que a mesma situação pode ser percebida de formas distintas dependendo da cultura de cada falante. No projeto CCSARP, foram consideradas com esse fim seis dimensões sociais, que reduzimos a quatro no nosso questionário de percepção. Foi incluída a avaliação da distância social, do direito de realizar o pedido, de sua dificuldade e da probabilidade imaginada pelo falante de que o ouvinte aceitaria realizar o que se pede. Foram deixadas de lado as categorias poder relativo e a obrigação do ouvinte em realizar o pedido pelo fato de não serem compatíveis com as situações comunicativas propostas e com nossos interesses de pesquisa. Além disso, consideramos mais adequado que o questionário se concentrasse em um número menor de perguntas para facilitar as respostas dos informantes e não se tornar cansativo.

Para medir esses parâmetros na avaliação das situações, foi utilizada uma escala Likert com uma pontuação de 1 a 5, um método muito comum em estudos de percepção. De fato, ao introduzir uma escala graduada, os participantes têm a opção de selecionar uma resposta que seja menos penalizante do que uma rejeição categórica, o que aconteceria no caso de uma escala binária (VEENSTRA e KATSOS, 2018).

A escala Likert é projetada para fornecer informações sobre a dimensão da diferença entre as condições apresentadas. É comum fornecer itens *âncora* para determinados pontos da escala, de modo a garantir que todos os informantes a usem da mesma forma (SCHÜTZE e SPROUSE, 2014, p.12). Esses itens âncora são frases associadas a um único ponto na escala de avaliação. No caso do presente projeto, em nossas escalas é apresentada uma descrição do menor ponto (para estabelecer uma base) e do ponto mais alto (para estabelecer um limite).

A escala Likert apresenta, porém, limitações, dado que, por ser uma escala numérica, sugere que os intervalos entre os pontos sejam uniformes, e tende a limitar as respostas a esses pontos.

Por essa razão, no questionário, logo após as perguntas relacionadas à percepção, foi reservado um espaço para comentários, no qual o informante poderia escrever se preferiria não ter dito nada em determinada situação e, se assim desejasse, explicar o porquê.

Para além de somente analisar os “produtos” de questionários, coletar percepções possibilita, portanto, que o pesquisador questione o informante sobre o que diria, pedindo de maneira explícita sua avaliação e podendo levar em conta a maneira como julga cada contexto, o que fornece evidências sobre as condições de fenômenos que ocorrem muito raramente no uso espontâneo da linguagem (SCHÜTZE e SPROUSE, 2014).

A seguir, as questões de percepção apresentadas aos informantes para cada dimensão a partir da qual foram elaboradas (Quadro 2).

Quadro 2 - Dimensões sociais e perguntas para a avaliação dos parâmetros contextuais

DIMENSÕES		PERGUNTAS PARA A AVALIAÇÃO DOS PARÂMETROS CONTEXTUAIS	
1	Distância social	PT	Você acha que a idade de seu/sua interlocutor/a influenciaria a realização desse pedido?
		IT	<i>Pensi che l'età del tuo interlocutore possa influenzare questa richiesta?</i>
2	Direito de realizar o pedido	PT	Você se sentiria à vontade para fazer esse pedido?
		IT	<i>Per fare una richiesta di questo tipo, quanto dovresti sentirti autorizzato/a a farla?</i>
3	Dificuldade	PT	O quão difícil seria para você fazer esse pedido?
		IT	<i>Quanto sarebbe difficile per te fare una richiesta come questa?</i>
4	Probabilidade imaginada de ser atendido	PT	Na sua opinião, qual a probabilidade de essa pessoa atender àquilo que foi pedido?
		IT	<i>Pensa adesso al tuo interlocutore. Quanto credi sia probabile che realizzi quanto gli hai chiesto?</i>

4.3. Definindo a versão final do questionário

Antes de distribuir mais amplamente o questionário, foram realizados testes piloto com o objetivo de perceber, já com base na opinião dos falantes, se o questionário necessitava de alterações. Foram realizadas duas fases piloto utilizando o protocolo *think-aloud*, método em que se solicita aos participantes que pensem em voz alta, enquanto executam um conjunto de tarefas específicas. O teste foi realizado sem que houvesse nenhuma orientação para além da oferecida pelo próprio texto de abertura do questionário. A partir desses primeiros testes, foram feitas alterações para dar um melhor encadeamento às questões.

Além disso, algumas questões de percepção foram modificadas, em especial, aquelas em que o gênero e/ou a idade do interlocutor não estavam definidos. O acréscimo dessas especificações foi de extrema relevância, uma vez que a avaliação dos falantes nos mostrou que elas influenciam diretamente na percepção, pois são informações que, a depender da comunidade linguística, têm um peso maior ou menor no estabelecimento de DS e GI. Por fim, foi priorizado o uso de um léxico mais acessível que não gerasse dúvidas na interpretação das perguntas.

4.4. Os participantes da pesquisa

Uma vez definida a versão final do questionário, ele foi amplamente divulgado por e-mail e pelas redes sociais entre colegas, familiares e conhecidos que, para além de respondê-lo, contribuíram também em sua distribuição. Recebemos respostas de 60 informantes falantes de português brasileiro e 40 de italiano. Para termos números equivalentes nos dois grupos, selecionamos para a análise 40 dentre os 60 brasileiros e buscamos equilibrar as duas amostras com base em características como gênero e idade.

Seguem dois gráficos (Gráficos 1 e 2) com o perfil das amostras finais:

Gráfico 1 - Gênero (BR e IT)

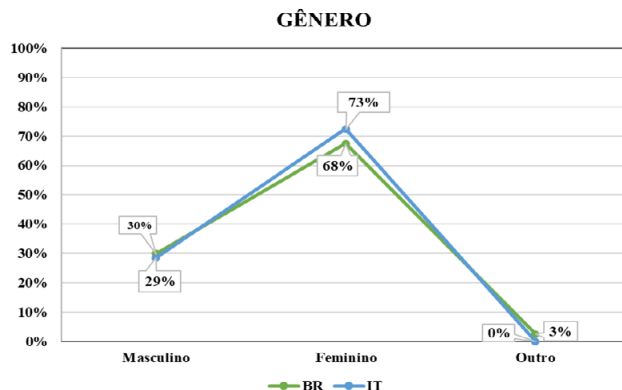
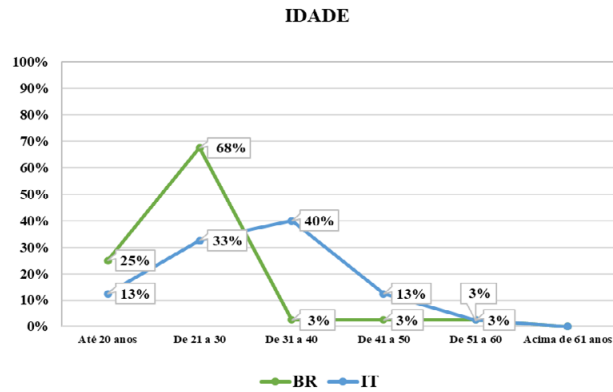


Gráfico 2 - Idade (BR e IT)



Vê-se que a maioria dos informantes pertence ao gênero feminino (73% entre os italianos e 68% entre os brasileiros). Quanto à idade, no caso de português, há uma nítida preponderância de pessoas entre 21 e 30 anos (68%), enquanto em italiano as faixas etárias mais representadas são duas: de 21 a 30 (33%) e de 31 a 40 (40%). No que se refere à distribuição geográfica, a grande maioria dos informantes, tanto do português brasileiro quanto do italiano, se concentra em uma região apenas dos respectivos países. Os informantes brasileiros são provenientes, em maior número, da região Sudeste; os italianos, do Centro.

4.5 A metodologia de análise dos dados

A análise dos dados de julgamento envolveu duas etapas: o pré-processamento, que cobriu as operações realizadas antes dos testes estatísticos, e os próprios testes estatísticos. Aliando os testes estatísticos e os comentários deixados em cada uma das situações, foram avaliadas as questões de percepção.

4.5.1. Testes estatísticos

- *Média e Desvio Padrão (DP)*

Após a fase de pré-processamento dos dados, na qual foram identificados e isolados os participantes que não haviam realizado a tarefa corretamente ou que não se enquadravam no perfil, foram calculadas as médias de cada comunidade linguística. Em outras palavras, buscou-se

o valor que está entre os valores absolutos, somando o valor final de cada informante em cada uma das questões de percepção, e dividindo-o pelo número de participantes. Já que a média é uma medida de tendência central, que resume os dados, sem descrever como estão distribuídos, utilizamos também o desvio padrão (DP), que expressa o grau de dispersão de um conjunto de dados, ou seja, indica o quanto um conjunto de dados é uniforme. Quanto mais próximo de zero for o DP, mais homogêneos são os dados. Assim, quando se calcula o DP juntamente com a média de diferentes grupos, obtêm-se informações com maior confiabilidade para avaliar, aproximar e diferenciar seus comportamentos.

- *Coefficiente de variação (CV)*

Como, porém, o DP pode ser considerado elevado ou não a depender da ordem de grandeza da variável, decidimos calcular também o coeficiente de variação (CV) para analisar a dispersão em termos relativos a seu valor médio, quando duas ou mais séries de valores apresentam unidades de medida diferentes. Por essa razão, o CV é uma forma de expressar a variabilidade dos dados, excluindo a influência da ordem de grandeza da variável.

Como o CV analisa a dispersão em termos relativos, ele é dado em porcentagem. Quanto menor for o valor, mais homogêneos serão os dados, ou seja, menor será a dispersão em torno da média.

5. Análise e discussão dos resultados: tratamento estatístico e interpretação dos dados

Como dissemos, nas oito situações utilizadas no estudo, foram manipulados grau de imposição (GI) e distância social (DS), de modo que há quatro possíveis configurações: (a) GI↑ DS↑, (b) GI↓ DS↓, (c) GI↑ DS↓, (d) GI↓ DS↑. A análise será dividida de acordo com essas quatro possibilidades, para evitar repetições.

5.1. Coeficiente de variação das dimensões de percepção

Em um primeiro momento, para verificar a homogeneidade dos dados, foi utilizado o CV (Gráficos de 3 a 6). Os cálculos do CV foram distribuídos entre as dimensões sociais de percepção, de modo a saber em qual delas os dados eram mais ou menos homogêneos, a depender da dispersão em torno da média. Se o CV for (a) menor ou igual a 15% → baixa dispersão, isto é, os dados são homogêneos; (b) entre 15 e 30% → média dispersão; (c) maior que 30% → alta dispersão, isto é, os dados heterogêneos.

Gráficos 3 a 6 - Coeficiente de variação de cada dimensão de percepção

Gráfico 3

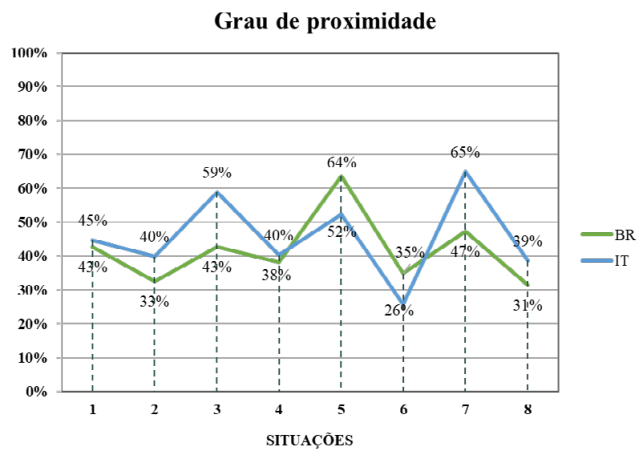


Gráfico 4

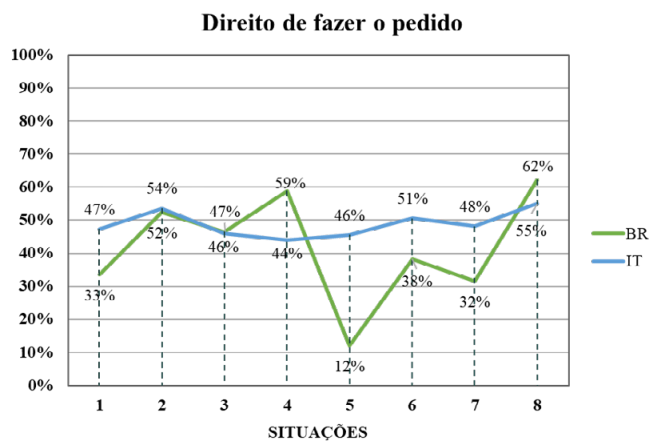


Gráfico 5

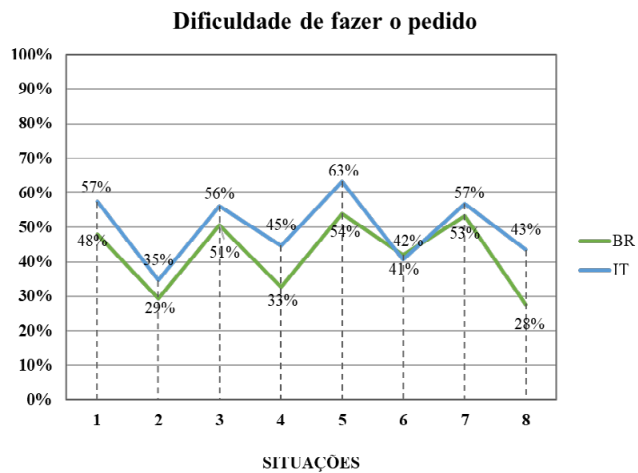
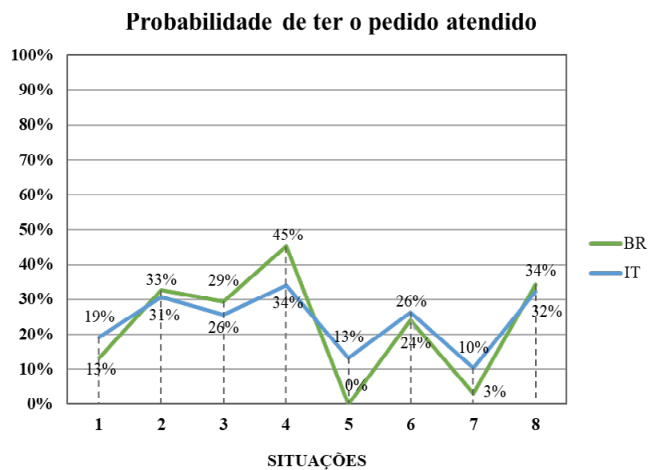


Gráfico 6



Temos, pois, os seguintes resultados:

- I. Grau de proximidade: alta dispersão (Gráfico 3)
- II. Direito de fazer o pedido: média/alta dispersão (Gráfico 4)
- III. Dificuldade de fazer o pedido: alta dispersão (Gráfico 5)
- IV. Probabilidade de ter o pedido atendido: baixa/média dispersão (Gráfico 6)

Com base nos resultados, é possível definir em quais das dimensões há uma maior concordância. Nesse sentido, apresenta a menor dispersão em torno da média e, portanto, maior homogeneidade, a expectativa dos falantes sobre ter ou não seu pedido correspondido. Vale notar que, tanto aqui como no direito de fazer o pedido, quanto mais difícil o pedido é (GI↑ DS↑), mais heterogêneas são as respostas.

Mesmo assim, considerando apenas distância social (DS) e dificuldade de fazer o pedido, isto é, grau de imposição (GI), as respostas dos informantes são bastante heterogêneas, com os dados que, em ambas as línguas, se comportam de maneira similar: a avaliação de GI e DS não aponta para uma tendência clara para a qual teria sido provavelmente necessária uma amostra maior.

5.2. Média e desvio padrão nas dimensões da percepção

A seguir, reproduzimos os gráficos sobre média e DP, relativos a cada situação comunicativa. Para sua leitura, é apropriado esclarecer que o eixo vertical corresponde aos números da escala Likert (de 1 a 5), ao passo que o eixo horizontal representa cada uma das questões de percepção e sua respectiva dimensão social. A título de exemplo, no eixo horizontal do Gráfico 7, temos os seguintes pontos: 1.1, 1.2, 1.3 e 1.4. O primeiro número de cada corresponde à situação comunicativa (Situação 1), e o segundo (1, 2, 3 e 4) à dimensão social de percepção avaliada.

Gráficos 7 a 14 - Desvio padrão e média nas oito situações: dimensões da percepção

Gráfico 7

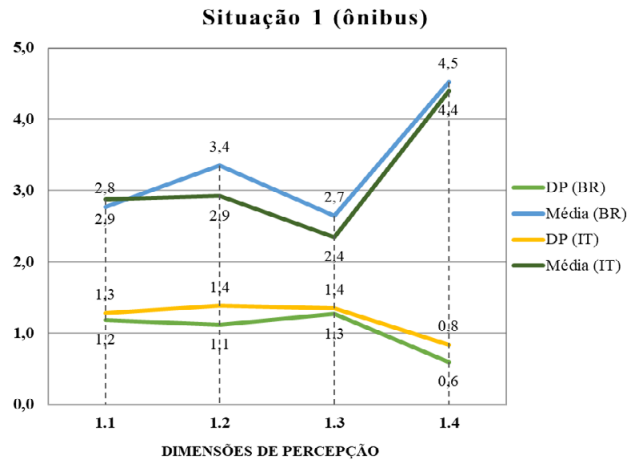


Gráfico 8

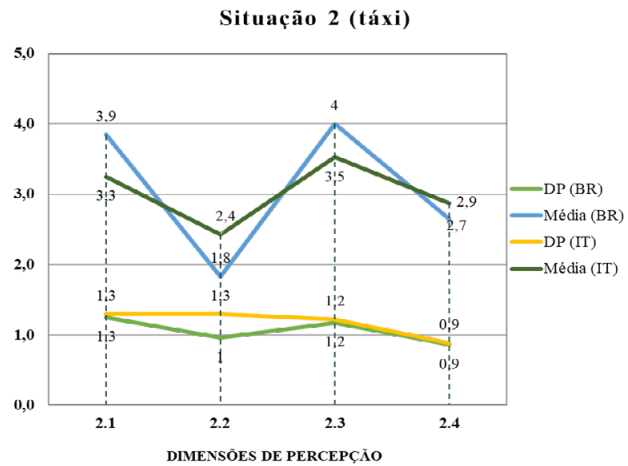


Gráfico 9

Situação 3 (caneta)

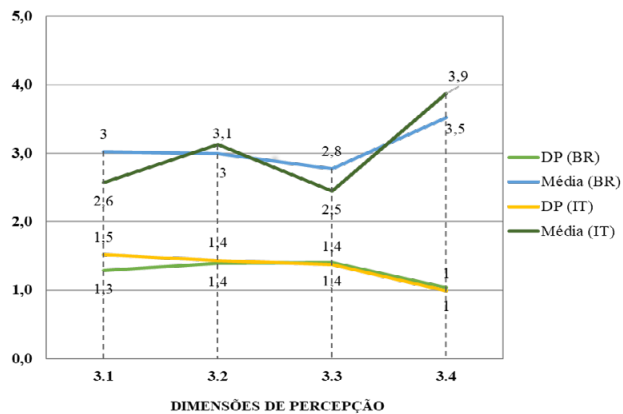


Gráfico 10

Situação 4 (celular)

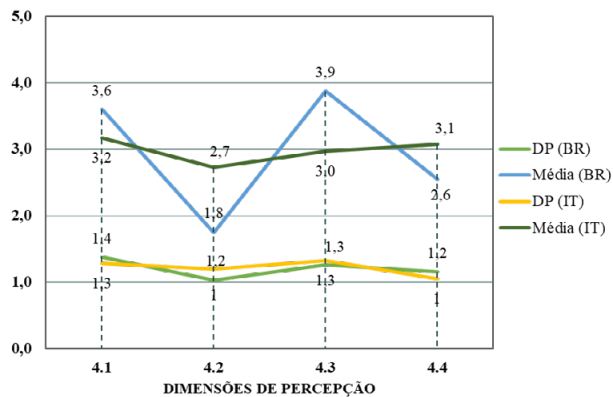


Gráfico 11

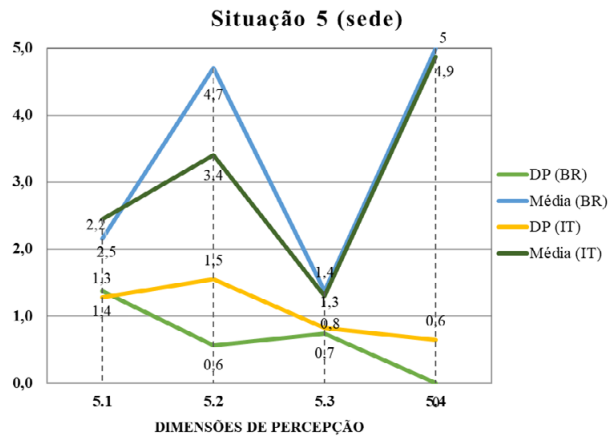


Gráfico 12

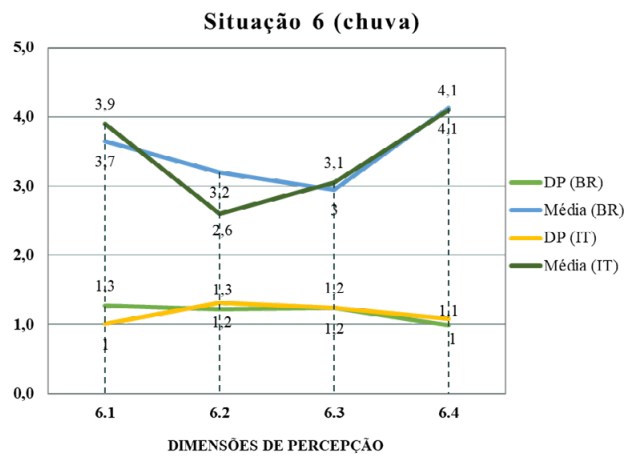


Gráfico 13

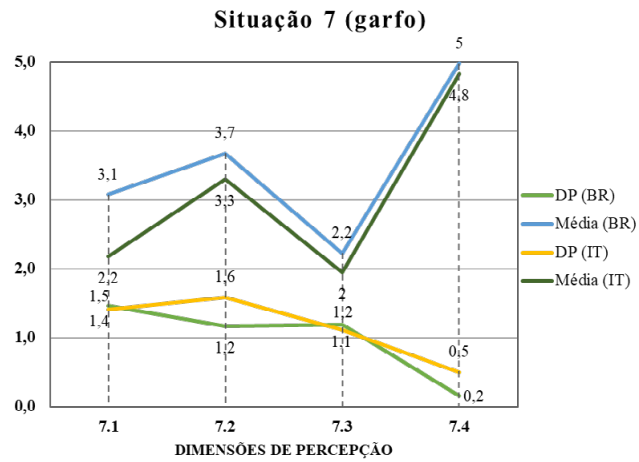
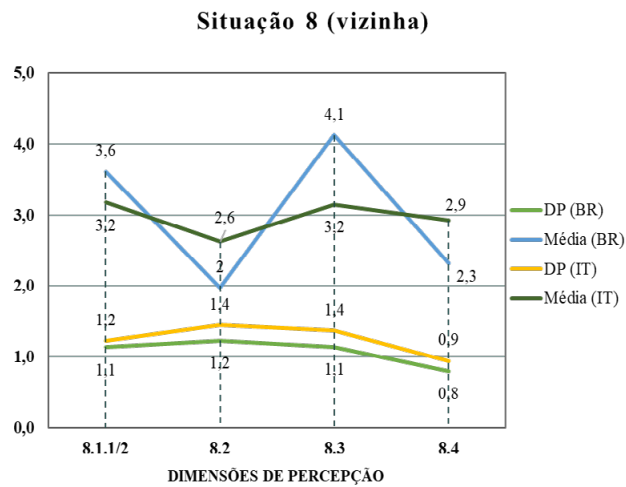


Gráfico 14



As médias obtidas revelam a presença de avaliações divergentes entre italianos e brasileiros em quase todas as situações, em especial, naquelas em que tanto DS quanto GI são altos (Gráficos

10 e 14). Já nas situações em que ao menos uma das variáveis independentes é baixa, a diferença entre as médias tende a diminuir: verificamos nos gráficos praticamente a mesma configuração, com andamentos distintos em determinadas dimensões sociais de percepção (Gráficos 7, 8, 9, 11, 12 e 13). Essas diferenças se dão, em maior grau, nos parâmetros 1 e 2, que correspondem, respectivamente, a DS e ao direito do falante em realizar o pedido.

O DP, que descreve como os dados se distribuem em torno da média, expressou que o conjunto é, de modo geral, uniforme, pois o grau de dispersão não supera 1,6. Vale destacar a dimensão 4, sobre a probabilidade imaginada pelo informante de ter o pedido atendido, que possui os valores de DP mais próximos de zero, o que comprova a homogeneidade desses dados e permite atribuir a eles maior confiabilidade. Nas próximas seções, esses levantamentos iniciais serão discutidos e aprofundados.

5.3. Explicando e interpretando a variação da percepção em italiano e português brasileiro

A análise dos dados sobre a variação da percepção nas duas línguas se distribui, em um primeiro momento, conforme GI e DS dos pedidos. Em seguida, traçamos um diálogo com as dimensões culturais definidas por Hofstede (2001) e, por fim, analisamos a tendência dos falantes a evitar os pedidos, no que diz respeito tanto à recusa em realizar o ato de fala em determinada situação comunicativa, quanto à formulação dos enunciados por parte dos informantes.

5.3.1. As situações extremas: $GI \uparrow DS \uparrow$ e $GI \downarrow DS \downarrow$

Consideramos conveniente iniciar a análise partindo das situações extremas, a saber, aquelas em que as variáveis DS e GI são altas e, posteriormente, aquelas em que ambas são baixas, dado que nesses casos as tendências são mais evidentes.

Nas situações em que tanto DS quanto GI são altos (Gráficos 10 e 14), existe, de maneira geral, uma ampla diferença entre as médias relativas às duas línguas. Os brasileiros indicam ter mais dificuldade em realizar o pedido e enxergam uma menor probabilidade de serem atendidos, enquanto os italianos apresentam respostas mais neutras, com uma média em torno da pontuação central da escala Likert proposta, ou seja, 3. Além disso, os brasileiros se sentem, em geral, menos à vontade, e o fator idade do interlocutor (ao qual remete DS) é muito mais significativo, com alguns informantes confirmando sua relevância no espaço reservado aos comentários.

Dessa forma, em diálogo e em concordância com os resultados do CCSARP, evidenciamos que interação de modo positivo a dificuldade de se fazer o pedido e a indiretividade. Esse fato se confirma também ao ler, mesmo que ainda sem uma análise detalhada, como se configura a maioria dos pedidos desenvolvidos pelos falantes de ambas as línguas: destaca-se, nesses pedidos, a tendência à indiretividade e à escolha de padrões estabelecidos.

Em contrapartida, parece acertado afirmar que a percepção de italianos e brasileiros converge nas situações comunicativas em que menos se exige da face (Gráficos 7 e 11). Os gráficos revelam

praticamente a mesma configuração, sendo a única percepção que difere moderadamente a que diz respeito ao direito do falante em realizar o pedido: os brasileiros se sentem ainda mais à vontade, em especial na situação 5, na qual precisam pedir um copo d'água a um/a amigo/a. Além disso, nessas situações, é praticamente unânime a crença de que teriam o pedido atendido, havendo zero ou baixa dispersão quando observado o CV.

5.3.2. As situações intermediárias: $GI\uparrow DS\downarrow$ e $GI\downarrow DS\uparrow$

Com $GI\uparrow DS\downarrow$, os informantes concordam razoavelmente, havendo uma variação maior na dimensão 2, isto é, o direito do falante em fazer o pedido. No entanto, na situação 2 (táxi), a média dos italianos (2,4) é superior à dos brasileiros (1,8), indicando que eles se sentem mais autorizados a realizar o ato de fala (Gráfico 8). A relação se inverte na situação 6 (chuva), na qual é a média dos brasileiros (3,2) que supera à dos italianos (2,6) (Gráfico 12).

A diferença pode ser atribuída ao modo como foi definida a DS nessas duas situações. Na situação 6 (chuva), a interação é com um(a) amigo(a), portanto, em uma relação de absoluta proximidade. No caso da situação 3 (táxi), o pedido é dirigido a um desconhecido e a DS é definida apenas pelo fato de o interlocutor ser da mesma faixa etária. O que se pode inferir é, portanto, que os brasileiros, menos à vontade do que os italianos nessa situação, interpretam que falar com coetâneos não implica por si só o grau de familiaridade, que seria necessário para se sentirem aptos a, de fato, realizar o ato de fala.

Nas outras duas situações intermediárias ($GI\downarrow DS\uparrow$), os falantes italianos e brasileiros concordam bastante e a diferença entre as médias fica, em quase todos os casos, por volta de 0,4 (Gráficos 9 e 13). A única diferença mais significativa entre as duas línguas chega a 0,9 na situação 7 (garfo), o que indica que os brasileiros avaliam como um empecilho a menor proximidade com o interlocutor (Gráficos 13). Essa situação, apesar de ser caracterizada por uma menor proximidade entre os interlocutores, prevê o pedido de algo necessário para que se possa participar da situação (o jantar). Por isso, é praticamente unânime nos dois grupos a avaliação de que a probabilidade de o pedido ser atendido é elevada.

5.3.3. A tendência a evitar os pedidos

Quanto à (não)realização do ato, ao uso do discurso indireto e à preferência por não realizar o pedido, a seguinte tabela revela como isso se deu entre as duas comunidades linguísticas em questão:

Quadro 3 - Dados sobre a (não)realização de um pedido direto

SITUAÇÃO BR		(Não) realização do pedido		Enunciado em discurso indireto		Comentário que manifesta preferência pela (não) realização do pedido	
		IT	BR	IT	BR	IT	
1 (ônibus)	DS↓ GI↓	[-]	[-]	[-]	[-]	2	1
2 (táxi)	DS↓ GI↑	10	7	5	1	6	5
3 (caneta)	DS↑ GI↓	6	5	3	2	5	4
4 (celular)	DS↑ GI↑	3	5	7	1	5	3
5 (sede)	DS↓ GI↓	[-]	[-]	3	3	[-]	1
6 (chuva)	DS↓ GI↑	[-]	4	4	3	[-]	4
7 (garfo)	DS↑ GI↓	1	1	4	3	1	1
8 (vizinha)	DS↑ GI↑	4	5	6	1	9	4
TOTAL		24	27	32	14	28	23

No total, foram deixados 70 comentários pelos brasileiros e 45 pelos italianos. Em termos gerais, eles apontam, em primeiro lugar, para o seguinte: quanto mais difíceis são considerados os pedidos, mais os falantes buscam formas indiretas de realizá-los. Além disso, os informantes relataram estar sempre atentos a possíveis brechas, fugas, para não precisar realizar o pedido, principalmente quando a DS é alta. Na situação 8, da vizinha barulhenta, por exemplo, informantes do português brasileiro relatam, no espaço reservado para comentários, que optariam por deixar um bilhete por baixo da porta ou gritar pela janela, ao invés de conversar.

Nas situações em que ambas as variáveis (DS e GI) são baixas, os comentários deixados pelos informantes de ambas as línguas ressaltam o fato de que, sobretudo, a DS influencia muito a decisão sobre realizar ou não o ato de fala do pedido. Manipulando o GI, mas ainda mantendo a DS baixa, observa-se que os comentários se concentram exclusivamente no GI. Na situação 2 (táxi), por exemplo, os informantes das duas línguas comentam que arcaíam com as consequências de seu atraso, uma vez que pedir para passar na frente em uma fila representaria prevaricar o direito de outra pessoa, que, por ter chegado antes, teria prioridade. Além disso, alguns brasileiros destacam o constrangimento.

No cenário inverso, em que a DS é alta e o GI é baixo, de maneira geral, os informantes destacam como o incômodo de solicitar torna as possíveis fugas mais atrativas. É assim no caso da situação 3 (caneta), em que comentam sobre como optariam por memorizar o número, entrar em um estabelecimento público para pedir uma caneta emprestada ou até voltar em outro momento com o necessário para anotar. Alguns brasileiros comentam também sobre a possibilidade de o interlocutor ficar desconfiado ou reagir mal por considerar a ação invasiva. Já na situação 7 (garfo), que envolve pedir algo urgente, os informantes comentam não ser possível se esquivar, como afirma um deles: “a realização do pedido eu faria em qualquer ocasião, a forma dele é que mudaria conforme o grau de familiaridade”.

Nas situações de alto GI e alta DS, evidenciamos como os números estatísticos confirmam o que é relatado no espaço para comentários. Os brasileiros julgam as situações mais difíceis, se sentem menos à vontade, e enxergam uma probabilidade menor de serem atendidos.

Agora, confrontando o uso do discurso indireto por parte dos informantes, é mais frequente entre os brasileiros, com 32 ocorrências (10,2% das respostas) contra 14 (6% das respostas) dos italianos. Compreendemos que não por acaso o discurso indireto se concentra, no caso dos brasileiros, nas situações 2 (táxi), 4 (celular) e 8 (vizinha): a 2, com alto GI e baixa DS; e a 4 e 8 com GI e DS altos. O uso do discurso indireto aqui pode ser interpretado como uma forma de evitamento da formulação de pedidos com alto nível de dificuldade.

Em contrapartida, curiosamente, os italianos utilizam mais o discurso indireto nas situações 5 (sede), 6 (chuva) e 7 (garfo): a 5 com GI e DS baixos e a 6 e 7 de níveis intermediários de dificuldade. A hipótese que formulamos é a de que, como são pedidos de recursos necessários e/ou fundamentais, talvez por serem esperados e inadiáveis, os informantes acabam não se dando o trabalho de formular esses pedidos, uma vez que são mais claras as formas como eles devem se dar.

5.3.4. A percepção e as dimensões culturais de Hofstede

Segundo Hofstede (2005, p.15), “sistemas sociais podem existir somente porque o comportamento social não é aleatório, mas até certo ponto previsível”³. Por conta dessa inexistência de objetividade, ao se estudar a realidade social:

Seremos sempre subjetivos, mas podemos pelo menos tentar ser “inter-subjetivos”, compartilhando e integrando uma variedade de pontos de vista subjetivos de diferentes observadores. (2001, p.15)⁴

3 “Social systems can exist only because behavior is not random, but to some extent predictable.”

4 “We will always be subjective, but we may at least try to be “intersubjective”, pooling and integrating a variety of subjective points of view of different observers.”

Nesse sentido, a língua, na concepção do autor, com a qual estamos de acordo, é a parte mais claramente reconhecível da cultura, não sendo um veículo neutro. É por isso que, ao traduzir para diferentes línguas instrumentos de pesquisa como questionários, podem emergir problemas. À vista disso, a partir das dimensões elencadas pelo autor, temos a oportunidade de apontar estruturas, pressupostos e valores divergentes que distinguem as culturas nacionais e avaliar seu impacto.

Das cinco dimensões identificadas pelo autor, pudemos identificar algumas mais nitidamente em nossa amostra de dados sobre a percepção, não por acaso nas situações em que DS e GI são altos. Como vimos, os brasileiros parecem ser os mais afetados nessa configuração de situação, revelando e relatando uma busca maior por indiretividade. Por exemplo, na situação 4 (celular), que envolve pedir um objeto pessoal e de valor emprestado, relatam que o interlocutor poderia interpretá-los com desconfiança, o que não acontece no caso dos italianos. Em outras palavras, é possível interpretar que em relação à dimensão *fuga da incerteza*, que descreve a ansiedade e a desconfiança de uma sociedade sobre o desconhecido, as duas culturas não concordam. Os brasileiros são menos tolerantes à incerteza e ambiguidade, priorizando a prudência e cautela.

Agora, na situação 8 (vizinha), destaca-se a dimensão *individualismo versus coletivismo*, que diz respeito ao grau em que os indivíduos se sentem independentes e não interdependentes em sociedade. Em outros termos, nas culturas mais coletivistas, o grupo possui uma importância maior em relação ao indivíduo nas escolhas e decisões; já nas culturas individualistas, valorizam-se mais o livre arbítrio e a iniciativa dos sujeitos. É possível constatar que ambas as comunidades linguísticas estudadas são coletivistas, uma vez que buscam formas indiretas para evitar o conflito, reforçando a harmonia do espaço e o bem-estar do grupo, havendo também uma maior importância atribuída aos objetivos. Assim, podemos dizer que são sociedades que estão mais integradas.

Por fim, identificamos também a dimensão *orientação a longo/curto prazo* diante de nossos dados mais uma vez sobre a situação 8 (vizinha), que pressupõe mudanças. Em uma cultura orientada ao longo prazo, a noção básica sobre o mundo é que ele se encontra em movimento e que é sempre necessário se preparar para o futuro e isso envolve abdicar do sucesso de curto prazo, a fim de alcançar o sucesso de longo prazo. Já em uma cultura orientada ao curto prazo, resultados rápidos e o respeito pelas normas sociais são enfatizados. Nesse sentido, temos muitos dos italianos nessa situação comunicativa que relatam a não pretensão em agir de imediato diante do incômodo. Relatam que esperariam algum tempo para ser possível identificar se é algo persistente ou um evento isolado, para assim decidir como agir. É nítido como os informantes brasileiros, em sua grande maioria, se entregam ao sucesso e à gratificação de curto prazo, ao descrever uma resposta imediata ao inconveniente, que conta até mesmo com gritar pela janela e passar um bilhete por debaixo da porta, como já vimos. Logo, podemos interpretar que os informantes brasileiros de nossa amostra parecem ser mais reativos do que seus pares italianos.

Considerações finais e perspectivas futuras

Neste artigo, evidenciamos que a avaliação dos parâmetros contextuais relacionados ao ato de fala do pedido possibilita identificar distintas dimensões culturais, que, no nosso caso, revelam diferenças e analogias entre brasileiros e italianos na percepção do contexto em que se realizam os pedidos avaliados. Em outros termos, a metodologia permitiu notar não só como os falantes julgam o ato de fala, mas também como eles enxergam a possibilidade e a necessidade de realizá-lo, além de suas expectativas em relação aos potenciais interlocutores, fornecendo dados sobre a avaliação (meta)pragmática das duas comunidades de fala em estudo.

Vale retomar, para concluir, as perguntas de pesquisa do estudo:

I. *Em que medida existem convergências e divergências entre as percepções de italianos e brasileiros em relação às situações comunicativas propostas?*

A percepção de italianos e brasileiros converge nas situações comunicativas propostas em que menos se exige da face, ou seja, naquelas em que o GI e a DS são baixos. Em contrapartida, a percepção diverge quando ao menos uma das variáveis independentes é alta. Nesse sentido, com base nas análises desenvolvidas, constatou-se que, na comparação com os italianos, os brasileiros são os mais afetados nas situações em que tanto GI quanto DS são altos.

II. *De que forma os dois grupos comentam e definem sua percepção das situações propostas, em especial, quanto à (não)realização do ato de fala pressuposto?*

Observamos que os informantes das duas comunidades de fala utilizaram consideravelmente os espaços reservados para comentários, nos quais relatam, sobretudo, uma busca por indiretividade, a qual se manifesta na formulação dos enunciados também por meio do discurso indireto. Os espaços, no entanto, não resolveram a questão da (não)realização do ato de fala, que só deixa de ocorrer nas situações em que DS e GI são baixos. Contudo, mesmo que o objetivo primeiro tenha sido que os informantes dispusessem de um espaço aberto para comentar sobre sua eventual preferência pela não realização do ato de fala, o papel deles acabou sendo ainda mais abrangente, diríamos até mesmo fundamental para a compreensão e interpretação dos dados sobre a percepção.

Na próxima etapa da pesquisa, será aprofundada a investigação dos atos de fala efetivamente escritos pelos informantes, isto é, aquilo que eles pensam que diriam nas situações apresentadas. Desse modo, será possível comparar os dados relativos à avaliação do contexto não apenas com observações sobre formas de evitamento do ato de fala, mas também com uma análise mais detalhada das estratégias linguísticas escolhidas para atenuar a força ilocucionária dos pedidos.

Referências

- BEEBE, L. M.; CUMMINGS, M. C. Natural speech act data versus written questionnaire data: How data collection method affects speech act performance. **Speech acts across cultures: Challenges to communication in a second language**, p. 65-86, 1996.
- BLUM-KULKA, S.; HOUSE, J.; KASPER, G. **Cross-Cultural Pragmatics: Requests and Apologies**. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1989.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. C. **Politeness: Some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CAFFI, C. **Pragmatica: sei lezioni**. Carocci, 2009.
- CORBETT, J. Discourse and intercultural communication. **The continuum companion to discourse analysis**, p. 306-320, 2011.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil**, v. 5, 1997.
- ECONOMIDOU-KOGETSIDIS, M. Strategies, modification and perspective in native speakers' requests: A comparison of WDCT and naturally occurring requests. **Journal of Pragmatics**, v. 53, p. 21-38, 2013.
- GOFFMAN, E. **On face-work: An analysis of ritual elements in social interaction**. Psychiatry, p. 213-231, 1955.
- HOFSTEDE, G. **Culture's Consequences: Comparing Values, Behaviors, Institutions, and Organizations Across Nations**. London: Sage Publications, 2001.
- HOFSTEDE, G.; MINKOV, M. **Cultures and organizations: Software of the mind**. New York: McGraw-hill, 2005.
- JONES, Michael L. **Hofstede-culturally questionable?**, 2007.
- NICKELS, E. L. Interlanguage pragmatics and the effects of setting. **Pragmatics and Language Learning**, v. 11, p. 253-276, 2006.
- SANTORO, E.; PORCELLATO, A. M. Língua, cultura e cognição: um estudo do ato de fala do pedido em italiano, português brasileiro, espanhol argentino e alemão. **PERcursos Linguísticos**, v. 10, n. 26, p. 49-71, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/33412>>. Acesso em: 18 fev. 2021.
- SANTORO, E.; SILVA, L. A.; KULIKOWSKI, M. Z. M. **Estudos em Pragmática: atos de fala em português, italiano, espanhol e inglês**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2021.
- SCHÜTZE, C. T.; SPROUSE, J. Judgment data. In: D. Sharma e R. Podesva (Eds.), **Research Methods in Linguistics**, Cambridge: CUP, p. 27-50, 2014.
- VEENSTRA, A.; KATSOS, N. Assessing the comprehension of pragmatic language: Sentence judgment tasks. **Methods in Pragmatics**, v. 10, p. 1806, 2018.



VERSCHUEREN, J. Contrastive Pragmatics. In: ÖSTMAN, J.-O.; VERSCHUEREN, J. (Org.). **Handbook of Pragmatics**. Amsterdam: John Benjamins, 2016.

Recebido em 03/04/2022 (versão atualizada: 15/05/2022)

Aprovado em: 07/02/2023

Anexo

A seguir, reproduzimos o texto de abertura, a primeira situação e as perguntas de percepção do questionário utilizado, apenas na versão em português brasileiro.



Grupo de Pesquisa em Pragmática (inter)linguística,
cross-cultural e intercultural da Universidade de São Paulo

Situações da vida cotidiana...

Estamos conduzindo uma pesquisa, cujo objetivo é estudar interações verbais da vida cotidiana de um ponto de vista linguístico. Os dados sobre os quais trabalharemos serão obtidos por meio do questionário que segue, no qual são apresentadas oito situações diferentes.

Pedimos que imagine estar falando com alguém e escreva as palavras exatas que diria em cada situação, mesmo nos casos em que, na realidade, você preferiria não dizer nada. Após cada uma das situações, há quatro perguntas para que você dê sua avaliação e um espaço para escrever, caso queira, se teria preferido não dizer nada e por quê. Considere que não existem respostas certas ou erradas e, se desejar escrever comentários gerais sobre o questionário, poderá fazer isso ao final.

Seus dados pessoais permanecerão em sigilo e suas respostas, fundamentais para o nosso trabalho, serão utilizadas exclusivamente para fins didáticos, de pesquisa e divulgação científica.

O tempo necessário para preencher o questionário é de aproximadamente 15 minutos.

Desde já, agradecemos imensamente sua colaboração!

Responsáveis pela pesquisa:
Profa. Dra. Elisabetta Santoro
Anna Beatriz Geronimi

E-mail para contato:
titi.benine@usp.br

Situação 1

Você e um(a) amigo(a) entram em um ônibus e, nesse momento, você percebe *
que esqueceu a carteira e não tem como pagar a passagem. O que você lhe diz?

Sua resposta _____

Avaliando a situação

Você acabou de escrever o que diria nesta situação:
"Você e um(a) amigo(a) entram em um ônibus e, nesse momento, você percebe que esqueceu a carteira e não tem como pagar a passagem. O que você lhe diz?"
Agora, por favor, avalie respondendo as perguntas a seguir.

1. Na situação acima, você poderia pedir o dinheiro da passagem à/ao sua/seu amiga/o. Você precisaria ser próximo de seu amigo/ sua amiga para fazer isso? *

	1	2	3	4	5	
Pouco	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito

2. Você se sentiria à vontade para fazer esse pedido? *

	1	2	3	4	5	
Pouco	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito

3. O quão difícil seria para você fazer esse pedido? *

	1	2	3	4	5	
Pouco	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito

4. Na sua opinião, qual a probabilidade de essa pessoa atender àquilo que foi pedido? *

	1	2	3	4	5	
Pequena	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Grande